



O MINISTÉRIO BIVOCACIONAL É POSSÍVEL À LUZ DA BÍBLIA?

Is bivocational ministry possible in the light of the Bible?

Leandro Henrique Lins Fernandes *



* Bacharel em Teologia, Especialista em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri (FBC). Advogado especializado em Direito Penal e Criminologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

RESUMO:

O ministério pastoral deve ser multifacetado, pois existe para atender variadas necessidades do espírito humano. Sendo assim, urge perceber possibilidades de expansão desse tipo de ministério. Nessa finalidade, esse artigo versará sobre a possibilidade do ministério bivocacional à luz da Bíblia, ou seja, um ministério pastoral junto com outra função ou profissão. Para isso observará alguns prováveis paradigmas de ministério bivocacional nas Escrituras. A partir do Velho Testamento até o Novo, a pesquisa se voltará para encontrar princípios norteadores da área em comento, bem como soluções bíblicas para este tipo de ministério.

PALAVRAS-CHAVE: Ministério pastoral; Ministério bivocacional; Ministério Paulino.

ABSTRACT:

Pastoral ministry must be multifaceted as it exists to meet the varied needs of the human spirit. Therefore, it is urgent to realize possibilities for expansion of this type of ministry. To this end, this article will work on the possibility of bivocational ministry in the light of the Bible, that is, a pastoral ministry along with another function or profession. For this, it will observe some probable paradigms of bivocational ministry in Scripture. From the Old Testament to the New, the research will try to find principles and biblical solutions for this type of ministry.

KEYWORDS: Pastoral Ministry; Bivocational Ministry; Pauline Ministry.

INTRODUÇÃO

Um ministério bivocacional é uma vocação com no mínimo duas atuações distintas. Por exemplo, um pastor que também atua como médico, um médico que também atua como professor. O caso específico da bivocacionalidade pastoral¹ ou missionária pode ser criticável, uma vez que aparenta certa indisponibilidade pastoral para um rebanho carente, ou certa infidelidade em confiar no sustento miraculoso divino. Para saber se é possível um ministério bivocacional saudável, importa adentrar no cômputo sagrado com vistas a encontrar balizadores para essa atuação nos dias de hoje. Para tanto, o trabalho buscará pistas no Antigo e Novo Testamentos.

1 - O MINISTÉRIO BIVOCACIONAL NO ANTIGO TESTAMENTO

Se a vocação² é o chamado de Deus para uma função específica dentro do seu plano soberano, bivocacionalidade é um chamado divino para duas funções, ofícios ou trabalhos³.

1Wagner (1976, p.6-9) resume o chamado pastoral dizendo que: “as evidências do chamado pastoral consistem numa convicção pessoal, a imperatividade da missão por parte da pessoa, a convicção de outros sobre o seu ministério e a evidência por meio dos frutos.” Na trilha de Lopes (2011, p.83-111), as atividades exercidas pelo pastor na vida da igreja são o ensino fiel das Escrituras. MacArthur Jr (1998, p.36) ensina que: “O objetivo primário no pastoreio do rebanho de Deus é alimentá-lo. Além disso, o pastor deve supervisionar o rebanho e lhe oferecer uma vida exemplar, para que possa se orientar por ela. Ele não pode fazer o trabalho com o espírito contrariado, nem pode fazê-lo para obter lucros financeiros. Acima de tudo, deve obedecer aos mandamentos das Escrituras, sendo fiel à verdade bíblica, firme na exposição e na refutação dos erros, exemplar na bondade, diligente no ministério e disposto a sofrer em seu serviço”. Para Kelly (2008, p.77), também “Não deve apresentar nenhum defeito óbvio de caráter ou de conduta [...] que os maliciosos possam explorar para desacreditá-lo”.

2Segundo Kelly (2008, p.20) “A doutrina da Vocação estuda os fundamentos bíblicos do chamado, suas variadas implicações e a resposta humana. É conhecida pelo termo técnico *Hiperetologia* [...] procedente do verbo grego *hypereteo*, que significa servir, ministrar, ser útil; ou do substantivo *hyperêtes*, servo auxiliar, assistente, soldado.” Para César, (1997, p. p.20.) “o termo Clesiologia é mais apropriado do que Hiperetologia para nomear tecnicamente a teologia da vocação, visto que Clesiologia provém de *Klêsis* (= vocação, chamado)”.

3Trabalho pode ser definido como o esforço físico ou intelectual, com vistas a um determinado fim. Le Goff (2006, p. 65) explica que “o verbo “trabalhar” é proveniente do latim vulgar *tripaliar*: torturar com o *tripallium*. Este é derivado de *tripalis*, cujo nome é proveniente da sua própria constituição gramatical: tres&palus (pau, madeira, lenho, estaca), que significava o instrumento de tortura de três paus e que também servia para “ferrar os animais rebeldes”. De acordo com Albornoz, (2004, p.10), “O *tripallium* também era um instrumento de três paus aguçados que, algumas vezes munidos de pontas de ferro, eram utilizados pelos agricultores para bater o trigo, as espigas de milho e o linho para rasgá-los e esfiapá-los). Para Carter (2010, p.42), o profissional é o “indivíduo bastante instruído, com aptidões e conhecimento bem desenvolvidos, que trabalha de forma autônoma sob a disciplina de uma ética elaborada e aplicada por seus colegas de profissão, que presta um serviço social de caráter essencial e singular, e que toma decisões complexas cujas consequências são potencialmente arriscadas”. Sobre a abrangência do trabalho ou função, Lutero (apud CARRIKER, 2001, p.39) entendia que “Deus, na sua providência, havia colocado cada pessoa na sua função na sociedade para realizar as atividades daquela função”. Para Weber (2004, p.71), o próprio termo vocação adquiriu um cunho mais religioso a partir de Lutero. O trabalho saiu da

Nesta senda, multivocacionalidade seria uma soma de chamados de Deus sobre uma pessoa para funções diversas. No AT⁴, há variados casos em que Deus chama uma pessoa para funções diversificadas.⁵

1.1 - O caso de Neemias

Um primeiro caso de provável bivocacionalidade é Neemias. Ele teve no mínimo dois chamados distintos. Ele atuou como um ministro bivocacional porque seu trabalho diário era servir ao rei, mas seu chamado foi redirecionado por Deus para a reconstrução do muro de Jerusalém, o reagrupamento e o avivamento do povo de Israel (PICARDO, 2015). O copeiro do rei, desta feita, deixa o ofício de copeiro⁶ para se tornar governador e líder espiritual de Israel junto com Esdras. Ele, então, deixa seu ofício inicial para exercer outra função. De fato, não exerce as duas funções ao mesmo tempo, mas mostra que os chamados do Senhor podem ser redirecionáveis em cada circunstância⁷. Em suma, Neemias é bivocacional não porque exerce duas funções ao mesmo tempo, mas porque exerce no mínimo dois ofícios distintos na sua vida.

esfera limitada do sustento para tornar-se uma missão dada por Deus. (Para o estudo do desenvolvimento do termo cf. WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução: José Marques Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das letras, 2004). Já sobre o grau de importância das funções, Calvino (2000, p.77) explicava que “Se seguirmos fielmente nosso chamamento divino, receberemos o consolo de saber que não há trabalho insignificante ou nojento que não seja verdadeiramente respeitado e importante ante os olhos de Deus”. No mesmo sentido, Schaeffer (2009, p. 22,27), quando diz que “Não há gente pequena e gente grande no verdadeiro sentido espiritual, mas sim, só gente consagrada e gente não consagrada. O problema para cada um de nós é aplicar essa verdade a nós mesmos: será que Francis Schaeffer é o Francis Schaeffer de Deus? (...) O tamanho do lugar não é importante, mas sim a consagração naquele lugar”. Afirma Costa (2004, p.119) que “na ética do trabalho, Lutero (1483-1546) e Calvino (1509-1564) estavam acordes quanto à responsabilidade do homem de cumprir sua vocação através do trabalho”.

4 AT será a abreviação referente a Antigo Testamento e NT para Novo Testamento.

5 Como exemplos de prováveis multivocacionalidades, podem-se citar o profeta Samuel e o Rei Davi. As duas figuras exercem funções diversas nos seus ministérios terrenos. Samuel atuava em Israel como profeta (1Sm 3.20, 2 Cr 35.18, At.13.20), juiz e sacerdote (1 Sm 2.11,19). De fato, eram funções que se acumulavam sobre os líderes da nação no contexto religioso da época. Era natural o líder israelita, à época chamado de juiz, exercer tanto as funções militares, como administrativas e religiosas. Já no caso do Rei Davi, ele foi profeta (2 Sm 23:2), rei (1 Sm 10:1, 2 Sm 7:12) e sacerdote (1 Sm 23:9).

6 Este serviço não era tão simples como parece. De acordo com um historiador grego contemporâneo de Neemias, Heródotos, a função de copeiro era a de um homem de reconhecida dignidade, em quem o rei tinha inteira confiança. Era uma função que fazia o homem ser próximo ao posto de príncipe (*apud* PICARDO, 2015). Kidner (1985, p.86) afirma que o copeiro “era um alto oficial no palácio real, cujo dever básico de escolher e provar o vinho para comprovar que não fora envenenado, dava-lhe acesso frequente à presença do rei e tornava-o potencialmente um homem de influência”.

7 Isso é relevante porque contrapõe a ideia de que o chamado vocacional é único e permanente.

Mas o caso mais provável de bivocacionalidade, nos termos deste trabalho⁸ dentro do AT, é o caso de Amós.

1.2 - O Caso de Amós

As Escrituras declaram: “Respondeu Amós e disse a Amazias: Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta, mas boieiro e colhedor de sicômoros⁹. Mas o SENHOR me tirou de após o gado e o SENHOR me disse: Vai e profetiza ao meu povo de Israel” (Am. 7:14-15). O propósito deste texto não é fazer um relato biográfico de Amós. Na verdade, o texto prima por explicar a base para a mensagem de autoridade que Yahweh ordenara que Amós transmitisse a Israel (SMITH, 2008, p.346)¹⁰. No entanto, a partir destas palavras podemos tirar uma implicação básica do serviço de Amós como profeta.

Assim como alguns profetas em Israel (caso de Elias, por exemplo), Amós não era sustentado pelo seu ministério profético. “No momento, Amós está envolvido com duas ocupações; ele não ganha a vida com suas profecias como fazem outros profetas profissionais” (SMITH, 2008, p.349). Amós era alguém que vivia de ovelhas e cabras. Talvez um administrador de outros pastores, um tipo de gerente¹¹. Além de pastor, Amós trabalhava com sicômoros ou amoreiras¹². O contexto do verso 14 constrói algo muito parecido com o

8 Relacionada a uma vocação secular e outra ministerial.

9 O tempo presente do verbo parece ser preferível, caso Amós queira negar que é um profeta que trabalha por dinheiro (7:12), argumentando que ganha a vida trabalhando com gado e sicômoros (SMITH, 2008, p.348). Todas as citações bíblicas deste trabalho serão da RA, Bíblia Sagrada Revista e Atualizada.

10 A teologia do livro é altamente centralizada no soberano governo de Deus. O que os reinos pecaminosos almejam pode ser concedido apenas por Deus (9.11-15). O reino eterno com suas bênçãos será estabelecido por Deus que o dará a Israel e ao remanescente das nações que se chamarem pelo seu nome. O objetivo básico de Amós era transformar a cosmovisão Israelita, materialista e idólatra, que desprezava a Lei do Senhor e oprimia os mais fracos. Amós clamou ao povo arrependimento e conversão com vistas a evitar o derramar da Ira do Senhor sobre eles. O arrependimento traria bênçãos, mas continuar na desobediência traria a maldição prometida na Torah.

11 Daniel Hays (*apud* PICARDO, 2015) propõe que Amós não era um simples pastor de ovelhas, era, todavia, dono de um grande rebanho, e isto era a fonte do seu sustento ministerial.

12 Muitas pessoas usam Amós como exemplo de um homem simples, quase ignorante, que Deus usou para o ministério profético. Todavia, Amós era uma pessoa instruída, que possuía uma compreensão ampla dos assuntos políticos de sua época (1.3-2.3). Ele tinha noções de relações internacionais, que incluíam detalhes sobre reis estrangeiros (1.4), vida nas principais cidades de diferentes países (1.5,8,12,14;2.2), batalhas anteriores (1.3, 13; 2.1) e um pouco de história antiga (1.5; 9.7). Ele também compreendia a situação social e política de seus ouvintes em Israel (6.2,13,14), (SMITH, 2008, p.21).

sentimento que Paulo exala em 1 Coríntios 9¹³, vale dizer, um sentimento de independência ministerial na busca por falar a verdade sem empecilho humano algum.

No verso 10 do capítulo 7, Amazias, sacerdote de Betel, manda dizer a Jeroboão, Rei de Israel, que Amós estava conspirando contra ele, já que as profecias advindas de Amós traziam sentença sobre o reinado materialista e pecaminoso de Jeroboão. No verso 12, Amazias se dirige ao próprio Amós e o chama de vidente (palavra que se referia ao ofício de profeta), mandando-o fugir para a terra de Judá e ali se alimentar do que provavelmente seria uma prebenda para profetas.

É nesse contexto que a resposta do verso 14 por parte de Amós é trazida. Ele afirma que não é profeta por profissão. Em outras palavras, que não vive disso. Não obstante, tem como profissão e meio de vida o cuidado com animais e o recolhimento de sicômoros. Finley (*Apud* PICARDO, 2015) afirma que estes termos do verso anterior confirmam Amós como um profeta bivocacional, pois o profeta replica a implicação de Amazias de que a profecia era a fonte do seu sustento ministerial. Para o autor, Amós nega que vive da profecia.

Percebe-se que Amós ministrava a palavra divina com liberdade e liberalidade. Um profeta não estava impedido de declarar a vontade do Senhor se não vivesse diretamente do ministério profético. Amós era um agropecuarista que exercia o ministério profético sem impedimentos, o que demonstra, desde o AT, a possibilidade de alguém exercer um ministério religioso com outro ofício secular¹⁴. Na verdade, essa prática parece ter se tornado a mais comum no decorrer dos anos depois da destruição do templo. De fato, um rabino judeu de acordo com a lei judaica, não deveria ser pago pelo trabalho religioso, “Ele deveria ter um ofício no qual trabalhasse com suas mãos e por meio do qual se sustentasse. Consequentemente, havia rabinos que eram alfaiates e sapateiros, barbeiros e padeiros, e até mesmo apresentadores de espetáculos públicos” (WHITE, 1992, p.24).

Diante dos exemplos apresentados, fica claro que não havia óbice no cânon Vetero-Testamentário para o exercício de duas funções ou ofícios, até mesmo de um ofício religioso e outro secular. Tirando o contexto específico da linhagem sacerdotal, que tinha de viver das

13 Esse capítulo será explorado no próximo tópico.

14 Sentido de não diretamente religioso.

rendas do templo¹⁵, Deus levantou pessoas que exerciam o serviço religioso e secular ao mesmo tempo, com naturalidade e dedicação. Essa foi uma prática não só do tempo do AT, mas que perdurou até o tempo do Novo Testamento.

2 - O MINISTÉRIO BIVOCACIONAL NO NOVO TESTAMENTO: ÊNFASE NO MINISTÉRIO PAULINO

Parece que tanto a igreja primitiva quanto a práxis eclesial moderna, apontam para o sucesso de um ministério pastoral multifacetado. Não que o ministério integral, por exemplo, não seja necessário e importante, essencial em muitos campos. Entretanto, a história da igreja primitiva e contemporânea parece requerer do ministro flexibilidade e sensibilidade na sua atuação.

A flexibilidade de atuação no ministério parece ser a regra na igreja primitiva. O ministro, por exemplo, deveria estar disposto a cargas maiores de exigência, o que poderia ser um trabalho secular para auxiliar no sustento¹⁶. Para Tidball (2011, p.113), “Atos nos convida a imaginar um ministério menos sobrecarregado com status e profissionalismo e mais capaz de improvisar, a fim de responder às oportunidades que enfrentamos.” Inicialmente, veja-se o caso do médico Lucas (Cl.4:14).

2.1 - O caso de Lucas

Ele acompanhou Paulo em grande parte do seu ministério, servindo de variadas formas. Lucas serviu como médico, ao mesmo tempo que escreveu grande parte dos evangelhos. Ele

15 É bom lembrar que não há uma continuação direta entre o ministério sacerdotal do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Algumas coisas se tocam, como a questão do sustento (1 Co 9), mas a abrangência espiritual do ministério sacerdotal agora abrange cada membro da igreja universal, por meio da conhecida doutrina do sacerdócio universal do crente. O ponto é que fica difícil querer fundamentar a unicidade vocacional afirmando que o ministério pastoral deve ser tal e qual o ministério sacerdotal, uma vez que já está encerrada a aplicação direta da Lei Mosaica na Nova Aliança.

16 Não só no NT, como também posteriormente na história da igreja, essa parece ser a ideia do ministério missionário ou pastoral. Por natureza, deve ser um ministério flexível. Finke e Stark (*apud* TIDBALL, 2011, p.112), sobre a evolução do evangelho nos Estados Unidos, concluem que: “o notável crescimento da igreja na fronteira foi devido aos evangelistas itinerantes metodistas e batistas que buscavam pouca coisa na forma de sustento e autorização. Ao mesmo tempo, as igrejas dos estados do nordeste entraram em declínio, apesar de, ou provavelmente por causa de seus ministérios acadêmicos bem educados e titularidades, que foram realizados em prédios adequados e a um custo financeiro grande. Tanto a Escritura quanto a história apontam para a necessidade de padrões flexíveis e sensíveis de liderança, se a igreja quiser crescer”.

fez o trabalho de ministro e médico. Apesar das grandes exigências do trabalho medicinal, ele não abandonou o serviço feito com Paulo (2 Tm 4:11). Lucas foi um grande cooperador (Flm 1:24), que não abandonou o apóstolo de Tarso, passando por grandes lutas e até mesmo naufrágios junto com ele (At.27:37 e cap. 28).

Partindo do pressuposto de que Lucas/Atos foi escrito por este Lucas¹⁷, ele apareceu em Atos servindo como um pastor auxiliar de Paulo. Ele anunciou o evangelho junto com o apóstolo na Macedônia, Samotrácia, Neápolis e Filipos (At.16:10-12), Mitilene, Samos e Mileto (At.20:14-15), Codes, Rodes, Pátara, Tiro e Jerusalém (At.21:1-3/15), além da região da Itália (At. 27:1), entre outros lugares. Também registrou grande parte do ministério paulino (At. 20:7).

Lucas foi considerado servo do Deus altíssimo pelos gentios no mesmo sentido que o apóstolo de Tarso (At.16:17). Inspirado, escreveu um dos livros biográficos mais famosos e influentes da história, o compêndio Lucas/Atos e, como se não bastasse, serviu aonde ia com a honrada profissão de médico. Ele transparece um ótimo exemplo de ministro bivocacional. Um homem que mesmo chamado para um ministério evangélico dedicado, de várias viagens missionárias e intensas pesquisas e escritos, não abandonou o ofício anteriormente dado por Deus, antes o desenvolveu na constância do ministério como mais um instrumento de benção para a igreja de Cristo.

2.2 - O caso de Paulo

Além de Lucas, o NT traz um exemplo ainda mais direto e paradigmático do ministério bivocacional: o apóstolo Paulo. O seu ministério parece trazer ao cristianismo a possibilidade de um ministério bivocacional bem-sucedido¹⁸.

Paulo mesmo declarou que a igreja de Tessalônica, por exemplo, era testemunha do modo que ele tinha servido ao Senhor. E a forma não poderia ser outra, senão piedosa, justa e

17 De acordo com González (2011, p.19), “Uma tradição muito antiga, pelo menos tão antiga quanto o século II, afirma, em unanimidade, que o nome do autor de Atos era Lucas e que ele, na verdade, era médico e companheiro de Paulo”.

18 Em defesa do ministério pastoral de Paulo, Tidball (2011, p.115) afirma: “é surpreendente que o apóstolo Paulo nunca descreva a si mesmo como um ‘pastor’, e que ele usa a palavra ‘pastor’ apenas uma vez em seus escritos (Ef.4.11). [...] Ele era um evangelista pioneiro talentoso e um teólogo astuto, bem como um pastor habilidoso. [...] Paulo serve como um modelo exemplar pastoral, se não perfeito.”

irrepreensivelmente. Paulo os tinha tratado como um pai, realizando todas as funções ministeriais pastorais (1Ts 2:10-12), todavia, mantendo um sustento particular independente da igreja.

Mesmo trabalhando com tendas para sustento pessoal (At.18.3), e pastoreando várias igrejas ao mesmo tempo (1 Co 7.17, 2 Co 11.28), o apóstolo possuiu um ministério irrepreensível. Os textos que mencionam o pastorado adjunto com seu trabalho secular, apontam um ministro que se doou totalmente ao reino.

Uma das maiores evidências externas de Paulo para provar isso era o seu ministério bivocacional. Não é à toa que ele chama os irmãos de Tessalônica para imitá-lo. Ele era irrepreensível na conduta e ainda mais, não comia pão à custa de outrem. O apóstolo abnegava-se do seu direito para com, “labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhar a fim de não ser pesado a ninguém da igreja” (2Ts 3:7-9)¹⁹. Tudo isso para ser exemplo²⁰ de coragem, trabalho e vida em função das pessoas.

O apóstolo defende o direito pleno do ministro ser sustentado pela igreja.²¹ É direito óbvio de quem planta comer dos frutos da sua plantação. No entanto, as circunstâncias de Tessalônica o fez, em uso da flexibilidade ministerial, abster-se deste direito em prol do reino: não ser pesado à igreja e servir de exemplo de abnegação e entrega.

Parece que a mesma ideia é seguida com respeito a igreja em Éfeso, quando conclamou os irmãos, especialmente os pastores, a dar ao invés de receber. O pastor não devia servir pelos bens, por isso, não devia desejar os bens dos irmãos ou das pessoas em geral, pelo contrário, devia ser padrão de alguém que vive para servir as pessoas, até mesmo se abnegando dos seus direitos para dar do seu dinheiro a quem precisa. Um dos deveres de todo crente, e, nesse contexto, especialmente do pastor, “era socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber” (At. 20:33-35).

19 Sobre estes versos de trabalho extra igreja, Fisher não vê apenas a fadiga e o lado ruim, mas percebe uma forte identidade pastoral de Paulo, enraizada em Deus. “O Senhor fez dele um pastor, equipou-o com as ferramentas de um apóstolo e enviou-o a Tessalônica. Jesus fez de Paulo a mãe e o pai na fé dos tessalonicenses” (FISHER, 1999, p.30).

20 Esta carta específica, provavelmente, combate uma corrente de ideias que estava fazendo o povo parar de trabalhar e depender financeiramente da igreja. Talvez alguns estivessem argumentando que a volta de Cristo estava tão próxima que não precisava trabalhar mais.

21 Ver também 1 Coríntios 6-10; 2 Coríntios 11; Atos 20; Filipenses 4; Efésios 4.

Servindo com o alimento espiritual, e tendo como direito evidente o alimento material, ao invés de ser servido, o apóstolo, missionário e pastor Paulo serviu. O pastor de Tarso buscou pelo trabalho físico, seu próprio sustento e especialmente o socorro dos necessitados. O pregador de Tarso entregou cada fio de energia mental e física no auxílio dos irmãos. Ele desejou abençoá-los em todas as áreas. Como se o alimento espiritual não bastasse, ele também se doou para dar-lhes o alimento material. No mesmo sentido, na igreja de Corinto²². Ali, de modo especial, percebe-se uma igreja orgulhosa e aparentemente abastada. Ao contrário, Paulo, em modéstia, serviu, gratuitamente e por amor daqueles que lutavam para serem servidos.

O autor da carta aos Coríntios é o apóstolo Paulo²³. Os destinatários desta carta é a igreja de Deus que está em Corinto. Chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Co 1.2). Esta igreja parece ser uma comunidade composta de gentios e judeus, sofrendo uma condição angustiante (1Co 7). Mais especificamente se tratava de judeus e tementes a Deus, convertidos, romanos, líderes e adversários (KISTEMAKER, 2006, p.20)²⁴. Nas palavras de BRUCE (2008, p.1868), Corinto era depravada. A cidade ia além da licenciosidade de outras cidades e portos de comércio e prestava o seu nome como símbolo à zombaria e degradação.

A ocasião que motivou a carta de Paulo é que o autor foi informado pelos da casa de Cloe que havia contenda entre os irmãos de Corinto²⁵. Para BRUCE (2008, p.1870), dois fatores levaram Paulo a escrever a carta: Primeiro, os relatos de divisão recebidos dos membros da casa de Cloe. Em segundo lugar, uma carta recebida dos crentes de Corinto buscando orientação acerca de uma variedade de questões. Enquanto estivesse buscando, por meio dessa carta,

22 Por questão da finalidade e espaço do trabalho, o mesmo se deterá em esboçar os conceitos extraídos do cap.9 de Coríntios, onde mais claramente o apóstolo lida com a temática.

23 (I Co 1.1, 12, 13; 3.4, 5, 22; 16.21).

24 Segundo Bruce, (2008, p.1868), “As pessoas destinadas pela carta vivem na antiga Corinto, cidade formada por colonos (ex-soldados) e libertos (ex-escravos) vindos de Roma, assim como também mercadores, artesãos, artistas, filósofos, mestres e trabalhadores de muitos países ao redor do Mediterrâneo. Corinto era um centro manufatureiro e os dois portos faziam da cidade um centro do comércio internacional. Estava situada no sul da Grécia, num istmo que separa o golfo de Corinto do golfo Sarônico, por isso a cidade se tornou naturalmente um centro de comércio e um bom ponto de parada para viajantes para o Leste ou para o Oeste”. Kistemaker (2006) supõe que Paulo tenha se ocupado em seu ofício de fabricante de tendas durante os eventos dos Jogos do Istmo, fazendo-se tudo para com todos, proclamava o evangelho da salvação (ver 9.22, 27). As claras exortações de Paulo para fugir da imoralidade (5.1; 6.9; 15-20; 10.8) deixam a nítida impressão de que a promiscuidade não era rara nessa cidade (FEE, 1988, p.2 (Cf. Kistemaker, 2006, p.7-18).

25 (Cf. Fee, 1988, p.4-5 e Kistmemaker, 2006, p.25)

restaurar a unidade que essas facções estavam ameaçando destruir, e responder às questões acerca dos problemas que lhe tinham enviado, Paulo aproveitou para acrescentar o ensino detalhado acerca da ressurreição.

Depois das lições iniciais²⁶, o apóstolo foca no tema central da carta. A unidade se perfaz pelo sacrifício da vontade própria em função do bem do outro (8.1-13), e Paulo é o maior exemplo de alguém que se sacrifica pelo próximo (9.1-27). Dessa forma, fez-se necessário lembrar aos coríntios que estar na igreja não é ser cristão; estar entre os salvos não o faz salvo (10.1-5). Entretanto, o verdadeiro salvo não vive para sua satisfação, mas para a de Deus e a do próximo (10.6-33).

A igreja de Corinto enfrentava um grave problema de orgulho e divisão. O capítulo 8 (oito) apresenta a disputa entre os irmãos que comiam carne e os que não comiam. Paulo apela para o amor. Essa é a liga da comunidade cristã, a única fórmula para impedir o exercício da divisão. De fato, o apóstolo usou esse argumento até, basicamente, ao capítulo 14 (quatorze). O exercício do amor daria lugar a abnegação dos direitos particulares, já que o verdadeiro cristão é humilde, e ama até ao ponto de deixar de usufruir dos seus direitos em favor do próximo.

Ao chegar no capítulo 9 (nove), Paulo usou o seu exemplo. Ele tinha pleno direito de se casar, e de ser sustentado financeiramente pela igreja que pastoreava. No entanto, abnegou-se destes direitos com vistas a exercitar o amor, servindo de graça aos irmãos e testemunhando aos de fora que o amor pastoral não visa, em primeiro lugar, interesses materiais. Sobre isso diria Pinto (2008, p.263): “A entrega de seus direitos apostólicos ilustra a atitude madura que ele espera dos coríntios sobre a questão da liberdade cristã”. Assim como Paulo, os irmãos de Corinto deveriam se dispor a negar a si mesmos e aos seus direitos e privilégios, vivendo a

26 Se fossemos resumir a carta ela começaria pelas apresentações e saudações prestimosas (1.1-9). Depois, uma exortação com respeito à divisão e ao orgulho (1.10-31). Mas ao contrário de Corinto, Paulo era exemplo de humildade baseado no conhecimento de Deus. (2.1-16-). No entanto, ao contrário de Paulo, Corinto era exemplo de orgulho baseado no conhecimento dos homens (3.1-23). O remédio para os Coríntios, então, era o caminho de Cristo, o caminho da humildade. Eles deviam se firmar no que Cristo ensinou e não os homens (4.1-21). Até porque o orgulho leva à imoralidade (5.1-13/6.12-20), assim como levou à divisão e contendas até mesmo fora da igreja (6.1-11). Para Paulo, um forte remédio contra a imoralidade eram as relações sexuais dentro do casamento (7.1-9), apesar do apóstolo não aconselhar a casar em tempos angustiosos, porém, se casar, não peca (7.25-40). Contudo, casar ou ficar solteiro depende do chamado ou vocação de Deus (7.17-24). Lembrando que o casamento é indissolúvel (7.10-16).

serviço dos outros. A igreja de Corinto deveria ser um jardim onde florescia o amor abnegado, desprovido de orgulho e luta por posição.

Deus ordenou aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho. No entanto, Paulo não viveu do evangelho, pelo menos em Corinto. Ele declarou que não tinha se servido de nenhum dos privilégios pastorais. Seria uma contradição paulina, ou até mesmo uma desobediência orgulhosa? O apóstolo declarou que o ato de não receber nada de Corinto era uma “glória” para ele. Como poderia ser uma glória não receber sustento salarial, se era uma ordem do Senhor que os que pregam do evangelho sejam sustentados pelo evangelho?

Talvez o entendimento mais equilibrado dos versos seja que o sustento ministerial é um dever da igreja e um direito do pastor. A igreja não pode se abster de sustentar materialmente quem lhe sustenta espiritualmente. A igreja não tem o direito de escolha. No entanto, o pastor tem. O ministro teria o direito de receber o sustento da igreja, mas não o dever. Diante do contexto traçado, o dever do pastor não seria o de receber salário da igreja, mas de pregar o evangelho. Seja recebendo da igreja ou não, sobre o pregador pesa a obrigação de pregar. Querendo ou não, pesa sobre a igreja o dever de sustentar. Contudo, mediante cada contexto e suas circunstâncias, o ministro pode se abster de receber o seu sustento. É o que Paulo faz em Corinto.

Em face da expansão do reino, o ministro deve ser instrumento sem empecilhos para o crescimento do evangelho (1Co 9.19-23). Por isso, “Paulo podia dizer que se fez tudo para com todos (1Co 9:22). Ele era sensível ao seu ambiente e ajustava o seu ministério à igreja e à comunidade” (FISHER, 1999, p.33). Não receber sustento salarial em Corinto servia melhor ao propósito do reino, apesar da igreja ter a obrigação de sustento. Paulo diz que tudo faz para cooperar com o evangelho. Se não obter sustento serve melhor que receber, o ministro pode se abster por amor para servir de graça, como um escravo dos homens. A igreja, dessa forma, deveria seguir o exemplo de Paulo e viver em função do reino e não de si mesmo.

A perspectiva do abster-se dos direitos é algo basilar em todo evangelho. A ideia pode ser resumida na característica da humildade, demonstrada pelo serviço abnegado. A igreja de Corinto era uma igreja orgulhosa. A luta pelos direitos próprios era uma busca pela exaltação do ego. A questão da carne sacrificada a ídolos, a desvalorização apostolar e a confusão carismática são sintomas de um coração inchado de orgulho no seio da igreja.

O conceito de humildade é um princípio que percorre toda a história da redenção. Deve ser um cartão de identidade do povo de Deus. Moisés era um homem mui manso (Nm.12:3). Não existe mansidão sem humildade (Ef.4:1-6). Para o sábio Salomão, o contrário de humildade é ruína, queda e desonra (Pv 16:18, 15:33). Jesus sedimenta o princípio de modo didático na cerimônia do lavar pés (Jo 13:1-5). Ele mesmo é um espelho da perfeita humildade ao se subjugar a pais e autoridades terrenas. Também veio para servir e não para ser servido. A teologia paulina desenvolve claramente a humildade de Jesus pelo conceito da *Kenosis* (Fl 2), e os próprios apóstolos exalam esta humildade em seus escritos (At 20:9, Fp 2:3, 1Pe 5:5) pelo conceito de humildade e serviço.

O ministro não ser sustentado pela própria congregação não era algo totalmente novo e estranho. Era costume, os líderes das sinagogas terem um trabalho secular. Todo pai ensinava ao filho sua profissão. Paulo poderia ter aprendido o trabalho com couro e tendas com seu pai. No entanto, o normal para Paulo deveria ser o ministro viver da sua congregação, como era o caso dos sacerdotes do Antigo Testamento²⁷. Todavia, caberia a cada ministro, assim como Paulo, uma escolha de foro íntimo. O ministro não estava obrigado a ser sustentado pela igreja se entendesse que assim era o melhor para o reino naquele contexto local.

O registro peculiar de Paulo aqui em Corinto encontra guarida no todo da história redentiva. O homem de Deus é chamado para servir. Entregar a vida pelas pessoas inclui ganhar seu próprio sustento por elas se for preciso. O homem de Deus deve estar preparado para se doar totalmente ao seu povo, depositar todas as suas energias aos pés da cruz para suprir de todo coração, com todas as forças e de todas as maneiras, as necessidades dos santos. Paulo parece deixar claro essas verdades quando constrói o capítulo 9 (nove) de 1 Coríntios.

“Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1Co 9:14). Paulo apela para uma palavra de Jesus que ele põe no mesmo nível das estipulações da Lei Mosaica. Nos Evangelhos, Jesus disse aos discípulos que um trabalhador é digno do seu salário (Mt 10.10; Lc 10.7; comparar com 1Tm 5.18)²⁸. Para Bruce (2008, p.1895), Paulo aqui “revela a continuidade que existe entre a ordem do Antigo e do Novo Testamentos,

²⁷Este é argumento básico do cap.9 de 1 Coríntios.

²⁸ Confirma Hunter (1997, p.132) que de fato “Talvez ele estivesse pensando nas palavras do Senhor Jesus. Na mesma senda, Fee (1988, p.413) declara que os versos se referem ao que Jesus falou em Lc.10.7.

o Senhor ordenou: A autoridade final de Paulo. O ponto está provado; o cuidado pelos servos de Deus é responsabilidade do seu povo”.²⁹

Dessa forma, o que Paulo parece fazer é ampliar o ensino de Jesus. Aqueles que trabalhavam com dedicação exclusiva à congregação deviam ser sustentados pela igreja³⁰ (Gl 6.6). Nesse mesmo sentido, ele declarou a Timóteo: “Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino” (1Tm 5:17)³¹. Os ministros não deviam apenas ser sustentados pela igreja, mas sustentados bem. No entanto, vale destacar que essa ordem pede obediência, não dos apóstolos, e sim dos membros da igreja³². O texto parece apontar que as únicas considerações práticas dos versos 9.13,14 é que um pregador é um ministro do evangelho. Dessa forma, ele é um servo não da igreja, e sim da Palavra de Deus.³³

É com essa liberdade que o apóstolo se abstém deste direito: “eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas³⁴. Não escrevo isto para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer, antes que alguém me anule esta glória” (1Co 9:15). O apóstolo decide não aceitar o sustento ministerial. Toda a argumentação em favor do sustento integral no

29 Nas palavras de Morris (2007, p.109) “a ordem é revestida da mais alta autoridade, visto que veio de Cristo [...] Paulo pode estar pensando em palavras como estas, “digno é o trabalhador do seu salário (Lc.10:7). No mesmo entendimento Kistemaker (*passim*).

30 O Senhor Jesus instruiu os beneficiários desse ministério a suprirem as necessidades do pregador. O sustento que eles estendem ao pastor, no entanto, pode ir além das necessidades básicas da vida. De seu salário, por exemplo, o ministro deles deve poder liquidar suas dívidas de estudante, comprar livros para sua biblioteca pastoral e assinar periódicos teológicos e pastorais para que o ajudem em seu trabalho. Um pastor deve receber um salário adequado para sustentar-se juntamente com os membros de sua família (KISTEMAKER, 2006, p. 417)

31 Em resumo, “Não é errado o pastor ser pago; aliás, as Escrituras ordenam isso. (MACARTHUR JR, 1998, p.47).

32 Concorda com Kistemaker (2006, p.19).

33 Para Kistemaker (2006, p.417) “O dativo grego *tois* expressa vantagem [dativo de vantagem], e não o objeto indireto. A ordem não é dada aos missionários, e sim em benefício dele (na mesma linha, contrapondo um argumento de Dungan que assevera que Paulo estaria desobedecendo o mandamento do Senhor). Fee (1988, p.413.) defende a ideia de que a ordem, não é para os missionários, mas para a igreja em benefício dos missionários. O missionário ou pastor não está preso a obedecer a essa ordem, contanto que entenda que não receber o sustento será melhor para o crescimento do reino no contexto local.

34 “Paulo sustentou-se com seu próprio trabalho durante as três viagens missionárias. Sua menção de Barnabé, que se ocupava de trabalho manual para suprir suas próprias necessidades (9.6), refere-se à primeira viagem. O trabalho físico de Paulo em Tessalônica (1Ts 2.9), Corinto (At 18.3) e Éfeso (At 20.34) realizou-se durante a segunda e terceira viagens (ver também 2Co 12.14)” (FEE, 1988, p.418).

capítulo nove não é para ele (ver 4.12), apesar de serem direito pleno de todos os ministros do Senhor. Kistemaker (2006, p. 418) contextualiza afirmando que:

Ao compor sua carta aos coríntios, presume-se que Paulo dependeu dos préstimos de um escriba. Enquanto está em processo de formar suas sentenças, Paulo percebe que alguns de seus leitores poderão ter a impressão de que ele está pedindo que a igreja o reembolse por trabalhos passados. Portanto, ele esclarece que não está pedindo aos coríntios nenhum benefício pessoal. Pelo contrário, apesar da ordem de Jesus de que o trabalhador seja remunerado pelos seus serviços, Paulo mantém o princípio de não pedir nenhum salário, mas de se apoiar em seus próprios recursos. Ele não está interessado em seu próprio progresso, e sim no progresso do evangelho.

Hunter (1997) afirma que os motivos básicos de Paulo não querer receber em Corinto era evitar a desautorização do seu ensino, assim como não ser compungido a pregar por nada além da ordem do Senhor. Pregar para Paulo era uma obrigação, e o galardão advindo disso, viria do Senhor. Ele argumentava bíblicamente a necessidade de o ministro viver do evangelho; no entanto, não por causa do ministro, primariamente, mas por causa do reino.³⁵

No entendimento de Fee (1988), a chave para entender o provável paradoxo³⁶ paulino é a luta por nenhum obstáculo ao evangelho³⁷. O apóstolo argumenta em favor do sustento ministerial, mas, mesmo tendo este direito, poderia se abrir mão em favor do evangelho e da expansão do reino. A entrega é evidenciada pelo apóstolo por grande emoção na sentença³⁸, reafirmada pela esperança da glória: “antes que alguém me anule esta glória.”

35 No entanto, alguns manuscritos antigos dão à sentença uma semelhança de continuidade com uma leitura diferente do grego. Essa leitura é refletida, por exemplo, na versão King James: “Porque melhor me fora morrer, antes que alguém me anule essa glória”. Essa tradução dá uma leitura suave, mas não transmite a tensão emocional que causou a quebra. A força da emoção de Paulo resultou numa ruptura da sintaxe. Conservando a quebra na sentença, refletimos o estado emocional de Paulo (KISTEMAKER, 2006, p.419). Para Morris (2007), a melhor interpretação dessa parada na frase é a prova da grande emoção de Paulo, e a sua emoção indica a importância que ele atribuía ao seu procedimento.

36 Fee (1988, p.414) afirma que o argumento deste capítulo é um dos mais complexos na carta de Paulo.

37 Com respeito ao desimpedimento na pregação, e maior abrangência ministerial Highland (2013), testemunha que quando ministro integral, 90% dos seus contatos regulares era com o pessoal da igreja. Já como ministro bivocacional, a maior parte dos seus contatos é com o pessoal de fora da igreja.

38 O apóstolo reflete esse coração colocado no altar por meio de grande emoção. Nos originais, a expressão: “Pois eu preferiria morrer do que...”, significa que o apóstolo não consegue finalizar a sentença. Aparece uma fala embargada. Quando ele se controla de novo, recomeça com um pensamento um tanto diferente.

A glória do povo de Deus deve ser somente no Senhor (1.31; ver Gl 6.14). O direito de sustento por parte da igreja de Corinto não é motivo de se gloriar para Paulo. Sendo assim, qual era o motivo dele se gloriar? O fluir evangélico, o desimpedimento para o crescimento das boas novas. Ninguém poderia impedi-lo de se gloriar sobre isso (2Co 11.10).

Segundo Kistemaker (2006, p.420), o apóstolo aqui está levantando o clamor “que os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento proferiram. Paulo é escravo de Jesus Cristo, como observa muitas vezes em suas epístolas (ver, por ex., Rm 1.1; Gl.10; Tt 1.1), e como tal ele executa fielmente sua tarefa (Lc17.10)”³⁹. Diz o apóstolo: “Se o faço de livre vontade, tenho galardão; mas, se constringido, é, então, a responsabilidade de despenseiro que me está confiada” (1Co 9:17). A palavra traduzida para *despenseiro* serve para mostrar que, embora ele seja um apóstolo, com direitos (vs. 1-6), ele serve a Jesus como um mordomo⁴⁰ (ver 4.1). Mordomos eram escravos a quem era dada a responsabilidade de administrar a casa de seu mestre, sua propriedade ou seus negócios (KISTEMAKER 2006). O apóstolo era mordomo de Jesus⁴¹.

Nessa mesma linha, Fee (1988) amplia a discussão argumentando que a razão final para Paulo não aceitar o pagamento em Corinto era que a utilização de seu direito seria um mau uso de sua autoridade. No contexto daquela igreja, Paulo percebia que o uso de um direito, até mesmo largamente e longamente fundamentado no AT, não edificaria a igreja em comento.

39 “Aqui, com o uso repetido do pronome da primeira pessoa eu (quatro vezes), ele chama a atenção para si: “Se eu faço isso por escolha própria.” Se virmos esse versículo como uma continuação da explicação sobre os direitos de Paulo como pregador, as dificuldades permanecem, mas não são intransponíveis. Os coríntios não conseguem entender como Paulo deixa de defender seus direitos como pregador. Eles o veem como pregador que veio até eles de livre e espontânea vontade. Mas Paulo os informa que, se ele tivesse vindo por escolha própria, ele teria esperado uma compensação monetária deles. Assim teria uma recompensa”. (KISTEMAKER, 2006, p.421) O apelo obediente de Paulo ao chamado divino é trazido em diversas epístolas (Gl 1.15, 16; Ef 3.8, 9). Pregar para Paulo era um privilégio. Paulo era escravo de Cristo e obedecia de bom grado àquele que o enviara. Essa era a sua recompensa.

40 Palavra grega aqui pode ser traduzido das duas formas.

41 “Se um mordomo faz sua tarefa por escolha ou sob coação, sua responsabilidade permanece inalterada. Se essa pessoa executa sua tarefa não por vontade própria, mas porque seu mestre o designou, ele é apenas um mordomo. Ele é como o servo da parábola que arrou o campo do mestre, preparou o jantar do mestre, serviu-o à mesa e finalmente teve um momento livre para comer e beber. Ele não recebeu nenhuma palavra de gratidão por seu trabalho, porque ele era servo de seu mestre. Semelhantemente, os servos de Deus devem dizer: “Somos servos inúteis; fizemos só a nossa obrigação” (Lc 17.10) (KISTEMAKER, 2006, p.421). Para Boor (2004, p.149), “o fato de Paulo não aceitar salário, como qualquer outro trabalhador, é justamente seu salário mais especial, sua glória que ninguém esvaziará.” Morris (2007, p.110) confirma que “o fato de pregar sem receber era o seu galardão. O não fazer uso do seu direito em favor dos homens era o seu maior pagamento”.

Abençoaria talvez o ministério pessoal do apóstolo, mas construiria barreiras com respeito ao evangelho, por causa do contexto de oradores mercenários itinerantes. A expansão do evangelho deve ter a prioridade e deve ser a chave para entender o sacrifício paulino. Como ele diz no verso 18: “Nesse caso, qual é o meu galardão? É que, evangelizando, proponha, de graça, o evangelho, para não me valer do direito que ele me dá.” Assevera Pinto (2008, p.263) que, “o exemplo do próprio Paulo era apropriado porque ele havia aberto mão de privilégios[...] Paulo havia aberto mão deles (9.12b-15a), agindo sem segundas intenções ou motivos escusos (9.15b-18) para ganhar o máximo de pessoas para Cristo.” Segundo Paulo, a sua recompensa é que quando pregasse o evangelho oferecesse de graça para que não fizesse uso de sua plena autoridade no evangelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ministros do evangelho devem receber sua renda da ministração evangélica, contudo, pode não aceitar usufruir deste direito. Assim como para Paulo, pode ser motivo de glória pregar o evangelho sem recompensa imediata financeira, e essa é uma grande recompensa em si. A liberdade de pregar sem remuneração pode trazer a possibilidade de proclamar para todos a boa-nova sem empecilho, sem preconceito.⁴²

O trabalho buscou pensar o ministério bivocacional⁴³ à luz da Bíblia. Nesse sentido tentou perceber algum óbice a este tipo ministério nas Escrituras ou, de outra forma, pistas que

42 A pureza da motivação de Paulo é bem ilustrada por um paralelo tirado do universo médico. “Um médico pode atender os doentes pelos motivos mais nobres, embora receba pagamento por seus préstimos. Mas quando ele assiste os pobres gratuitamente, embora seus motivos sejam os mesmos, a evidência da sua pureza é colocada acima de dúvida.” Paulo pregava o evangelho de graça – evidência indiscutível de sua motivação pura. (KISTEMAKER, 2006, p.422-423). Segundo Kenneth (*apud* CARTER, 2010, p.31). Em suma, para Miller (*apud* CARTER, 2010, p.35), “uma profissão deve ter uma combinação de *techneethos* – conhecimento e prática de caráter técnico aliados a um comportamento responsável [...] a união de conhecimento e caráter”. Segundo Carter (2010 p.31), “o pastor local inglês, com frequência, também era juiz, médico, advogado, magistrado, e professor”. É importante destacar que não era incomum o pastor atuar em outras áreas além do ministério, pois o uso mais antigo do termo profissão era associado àqueles que professavam votos em uma ordem religiosa. Os mosteiros eram os centros de cultura e ensino. Os serviços essenciais, prestados por estas comunidades religiosas à sociedade, eram considerados sagrados e seculares ao mesmo tempo. Lembra-se então que, assim como formavam os teólogos, sacerdotes e ministros, eram as ordens religiosas que formavam os educadores, os juristas, os médicos, os conselheiros políticos e os líderes em geral. Apenas gradativamente, as grandes três vocações – medicina, direito e teologia – tornaram-se exclusivas. Somente no final da Idade Média é que começou a ter médicos e advogados exercendo sua profissão sem ter feito votos religiosos (CARTER, 2010).

43 Para preciosas dicas de como conciliar o ministério bivocacional com as prioridades de cada dia, indico as obras: **Youth Ministry Bivocational Survival Guide: Fulfilling a Full-Time Calling in a Bi-vocational World** de

apontassem a sua possibilidade atual. O ministério bivocacional se mostrou plenamente viável, fundamentado em padrões bíblicos, especialmente o paulino.

Existe galardão para o serviço ministerial sem sustento. Ele pode ser a vontade de Deus para muitos ministros, de variadas maneiras, em diversos campos ministeriais ao redor do mundo. O princípio de que melhor é dar do que receber ensinado por Jesus aos seus discípulos encontra verdadeira guarida neste tipo de ministério e serve de poderoso testemunho de um coração graciosamente entregue à obra do reino.

Glória a Deus pela multifacetada gama de dons e habilidades doadas aos seus servos para o serviço do reino!

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O Que é Trabalho**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004 (6ª reimpressão).
- BARRIENTOS, Alberto. **Trabalho Pastoral: Princípios e alternativas**. São Paulo: United Press, 1999.
- BIÉLER, André. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- BOOR, Werner de. **Carta aos Coríntios**. Curitiba: Editora evangélica Esperança, 2004.
- BUGBEE, Bruce; BISPO, Armando. **Como descobrir seu ministério no corpo de Cristo: uma introdução à Rede Ministerial**. São Paulo: Editora Vida, 1997.
- BLACK Jr, Doug. **A manual for Bivocational Ministry**. Ed. Kindle. Create Space Independent Publishing Platform, 2014.
- BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento / editor geral F. F. Bruce; tradução: Valdemar Kroker**. — São Paulo : Editora Vida, 2009
- COSTA, Herminsten Maia Pereira. **Raízes da teologia contemporânea**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- CALVINO, João. **A verdadeira Vida Cristã**. São Paulo: Novo Século, 2000.

Rick Flan e Chris Pope. Também BLACK Jr, Doug. **A manual for Bivocational Ministry**. Ed. Kindle. Create Space Independent Publishing Platform, 2014.

_____. **Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark, and Luke.** Grand Rapids, Michigan: Baker, (Calvin's Commentaries, Vol. XVI/2), 1981, (Lc 10.38)

_____. **Commentaries on the Second Epistle to the Thessalonians.** Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (Calvin's Commentaries, Vol. XXI), 1996 (reprinted), (2Ts 3.10), p. 355.

_____. **Exposição de Hebreus.** São Paulo: Paracletos, 1997.

CARRIKER, C. Timóteo. **Trabalho, descanso e dinheiro:** uma abordagem bíblica. Viçosa: Ultimato, 2001.

CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. **Vocação:** uma perspectiva bíblica. Viçosa: Ultimato, 1997.

DAVID Martyn Lloyd-Jones. **Uma Nação sob a Ira de Deus:** estudos em Isaias 5, 2ª ed. Rio de Janeiro: Textus, 2004.

FEE, Gordon D. **The First Epistle to the Corinthians.** Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1988.

FISHER, David. **O Pastor do Século 21.** São Paulo: Editora Vida, 1999, p.31.

FLAN, Rick; POPE, Chris. **Youth Ministry Bivocational Survival Guide:** Fulfilling a Full-Time Calling in a Bi-vocational World. WestBowpress, 2016

GONZÁLEZ, Justo L. **Atos:** o evangelho do Espírito Santo. São Paulo: Hagnos, 2011

HIGHLAND, James, W. **Serving as bivocational pastor:** positive help for a growing ministry. ed. Kindle, Newburghpress, 2013.

HUNTER, J. **Comentário Ritchie do Novo Testamento:** I Coríntios. Ourinhos-SP: Edições Cristãs, 1997.

KELLER, Timothy. **Como integrar fé e trabalho:** nossa profissão a serviço do reino de Deus. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLY, J.N.D. **I e II Timóteo e Tito.** São Paulo: Editora Vida Nova, 2008.

KIDNER, Derek. **Esdras e Neemias.** São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação religiosa editora Mundo Cristão, 1985.

KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento:** Atos. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LE GOFF , Jacques. Trabalho: In: Jacques Le Goff& Jean-Claude Schmitt, coords. Dicionário Temático do Ocidente Medieval, Vol. 2.

_____, TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOPES, Edson Pereira. **Fundamentos da teologia pastoral**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011

MACARTHUR JR, John. **Ministério pastoral: alcançando a excelência no ministério cristão**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998

MARSHALL, I. Howard. **Atos – Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2011

MONDIN, Battista. **O Homem, Quem é Ele?** São Paulo: Paulinas, 1980.

MORRIS, Leon. **I Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

PACKER, J.I. **O Plano de Deus para Você**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005.

PICARDO, Rosário. **Ministry Makeover: recovering a Theology for Bivocational Service in the Church**. Ed. Kindle. Wipfand Stock Publishers, 2015.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

PIRENNE, Henry. **História Econômica e Social da Idade Média**. 6ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

RYKEN, Leland. **Santos no Mundo**. São José dos Campos, SP.: FIEL, 1992.

SCHAEFFER, Francis A. **Não há Gente Sem Importância**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

SMITH, Gary. **Comentário do Antigo Testamento: Amós**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

TIDBALL, Derek – **Ministério segundo o Novo Testamento**. Traduzido por Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

TRAEGER, Sebastian; GILBERT, Greg. **O evangelho no trabalho: servindo Cristo em sua profissão com um novo propósito**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução: José Marques Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

WAGNER, Charles U. **The Pastor:** his Life and Work. Illinois: Regular Baptist Press, 1976.

WHITE, Jerry. **Seu trabalho:** sobrevivência ou satisfação? Tradução: Herbert de Oliveira Coelho. Rio de Janeiro: Juerp, 1992.